

ENTREVISTA / CHIMAMANDA NGOZE ADICHIE, ESCRITORA

‘O racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um biscoito por reduzi-lo’



Eduardo Anezelli/Folhapress

Chimamda-Adichie nasceu em 1977. Estudou medicina e farmácia na Nigéria até se mudar para os Estados Unidos aos 19 anos para cursar comunicação e ciência política. Fez mestrado em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins e recebeu o título de mestre de artes em estudos africanos pela Universidade de Yale. Autora dos romances “Hibisco Roxo” (2003), “Meio Sol Amarelo” (2006) e “Americanah” (2013), também escreveu o livro de contos “No Seu Pescoço” (2017) e o manifesto “Sejamos Todos Feministas” (2015), adaptação de seu discurso na plataforma TED que inspirou “Flawless”, de Beyoncé.

Algo enfatizado sobre ‘A Contagem dos Sonhos’ é que a sra. começou a escrever após a morte de sua mãe e seu pai. Também é seu primeiro romance depois de se tornar mãe. O que mudou?

Chimamanda Ngoze Adichie - Minhas

frases estão mais longas. A maternidade me mudou, muda qualquer mulher. Quando engravidei, senti que meu cérebro não estava funcionando, que me tornei uma estranha para mim mesma. Eu não conseguia escrever e continuei sem conseguir por muito tempo.

Não gosto da expressão “bloqueio criativo”, mas foi o que tive. Depois, experimentar a perda dos meus pais me mudou drasticamente, e também meu trabalho. Então, há um tipo de afrouxamento. Eu não estou mais interessada em seguir regras, porque o luto faz você perceber que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. Há um tipo de... Não é imprudência, mas disposição para fazer mais. Além disso, uma parte de mim sempre amou o maximalismo, mas, porque fui para uma escola de escrita americana, segui por um tempo o minimalismo. Superei isso.

A sra. afirmou no Fronteiras do Pensamento que desumanizamos as pessoas

quando as reduzimos a uma única coisa, mas é difícil desumanizar alguém cuja história é conhecida. Que indivíduos ou histórias quer humanizar com sua escrita?

Espero humanizar todos sobre os quais escrevo, mas neste romance espero que os leitores vejam a humanidade de uma mulher que foi abusada sexualmente, por meio da minha personagem Kadiatou. Ela foi inspirada em uma pessoa real [a guineense Nafisatou Diallo]. Quando mulheres passam por esse tipo de trauma e isso se torna público, as pessoas a veem apenas como alguém que foi agredida sexualmente e esquecem que são seres humanos, que sonham e riem. Fiquei impressionada com o quanto a cobertura mi-